
América Latina gasta mal

por Stephen Fidler
do Financial Times

A educação, concorda a maior parte dos economistas, tem desempenhado um papel-chave para que o Leste da Ásia consiga crescimento econômico e reduza desigualdades de renda. Não tem acontecido a mesma coisa na América Latina, onde na última década — parcialmente por causa do aperto orçamentário que acompanhou a crise da dívida — os sistemas escolares se deterioraram.

Em média, a América Latina tem uma marca razoavelmente boa em termos de recursos destinados à educação. Em 1990, a Coreia do Sul canalizou 3,6% do Produto Nacional Bruto para a educação, Cingapura 3,4% e Malásia 6,9%, segundo o Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas. Isso pode ser comparado a 4,1% na Venezuela e México, 5,5% no Panamá e 4,6% no Brasil.

Mas o problema não é tanto a quantia de dinheiro gasto, mas o modo como é gasto. Por toda a América Latina, os professores são indicados por políticos, e muitos nem sequer apresentam os mínimos padrões de escolaridade.
